REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

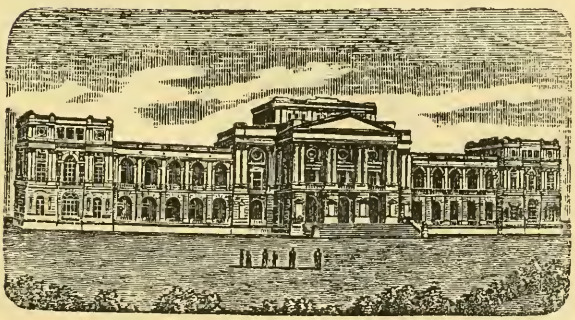
PUBLICADA

POR

H. von IHERING, Dr. med. et phil.

DIRECTOR DO MUSEU

VOLUME VIII



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1911

Extraído de volume digitalizado pelo Internet Archive.
Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú:
http://biblio.etnolinguistica.org/ihering_1911_questao

A questão dos indios no Brazil

POR

HERMANN VON IHERING

Em differentes estados de cultura por occasião do descobrimento, mantiveram naturalmente os indios relações heterogeneas com os conquistadores. Doceis e faceis de dominar uns, outros bravios, desconfiados e traiçoeiros, envolveram-se e foram envolvidos pelos conquistadores em desintelligencias e luctas, em que os indigenas, como mais fracos, frequentemente succumbiam. A raça, a cultura das diversas nações de indios entrou por certo nesse resultado, mas não devemos esquecer a influencia do europeu, sempre vária, segundo a sua nacionalidade, os progressos de sua civilização ou as suas convicções religiosas. Resultou do choque das duas tendencias, o exterminio dos indigenas.

Todavia, na America Meridional e Central os indios representam, sujeitos á raça branca, elemento util e fecundo de trabalho. Acontece-o exclusivamente em territorios hespanhóes. Será um acaso da historia ? A crueldade hespanhola igualou e excedeu mesmo a dos portuguezes, e chronicas affirmam que no Mexico a impiedade dos conquistadores atassalhava indios para pasto dos cães (Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio de Jan., Vol. XII, pag. 223).

Parece, todavia, que depois da época das luctas comprehenderam melhor e conseguiram posteriormente transmudar os indigenas em elementos fructiferos da população.

No Brazil sómente os jesuitas resolveram o problema da catechese, particularmente na raça guarany. A' sua obra meritoria faltava entretanto solidez e consistencia, desapparecendo ella com os seus auctores.

E' provavel que não pequena culpa de tão lamentavel acontecimento coubesse ao systema de educação applicado pelos padres, mas de outro lado não se deve desconhecer que estes indios do Brazil meridional não são affeitos a um trabalho regular e continuo.

Em quasi todos os paizes da America, solveu-se, no correr dos seculos, o problema, ora educando e aldeiando os submissos, ora movendo cruas guerras aos que repelliam os dominadores, e difficultavam a administração e o progresso, assaltando, talando, matando viajantes, fazendas e povoados.

Na America do Norte o governo tomou a si o patrocinio da vida e da propriedade dos colonos, perseguindo e punindo os atacantes e impedindo os ataques por uma linha de fortificações. Difficuldades semelhantes impediram tambem na Argentina o povoamento de seu vasto territorio, onde, comtudo, os acampamentos fortificados na região do Rio Negro e do Chaco abrigavam efficazmente a civilização.

Só o Brazil desconheceu solução systematica para o importante problema, e até hoje prolonga-se a anarchia resultante da ausencia de providencias. A predilecção sentimental do brazileiro em favor dos indios é um escolho immenso a transpôr. A indole generosa do povo apaixona-se pela sorte dos donos primitivos da terra de Santa Cruz. Do mesmo modo por que jurados falsamente humanitarios absolvem ao assassino, visto como a punição do criminoso não conseguiria reanimar a victima, o coração do brazileiro inclina-se a perdoar aos miseros selvicolas, inconscientes da gravidade dos delictos. A misericordia mal entendida impede assim a punição dos culpados, e os assaltos continuam impiedósamente nas estradas de ferro e nas picadas, e a matança sem peias dos pioneiros da civilização, dos colonos e dos sertanejos.

A marcha ascendente da nossa cultura está em perigo; é preciso pôr cobro a esta anormalidade que a ameaça.

Protejam-se os indios pacificos, mas garantam-se ao mesmo tempo aos colonos a vida e a propriedade contra assaltos de indios bravios.

Quaes as difficuldades da civilização indigena, quaes os meios opportunos e convenientes, quaes os resultados esperaveis é o que pretendo nestas linhas.

Antes de mais, cabe-me espaço a uma questão pessoal.

Ha longos annos já, quer no Rio Grande do Sul, quer em S. Paulo, preoccupa-me altamente o estudo dos indigenas, de sua historia e de sua actual e passada cultura. Examinei e medi indios de varias tribus, e consegui reunir valiosa collecção anthropologica e archeologica no Museu Paulista. Fructificaram os meus esforços em grande numero de publicações.

Por occasião da ultima Exposição Universal de S. Luiz, fui convidado a escrever um pequeno estudo sobre os indigenas do Estado de S. Paulo. Escrevi uma memoria em inglez, e della veiu á luz, mais tarde, segunda edição e traducção portugueza. Visei ahi tão sómente o aspecto scientifico da questão, mencionando, entretanto, as relações entre indigenas e immigrados e o exterminio dos elementos em guerra com os sertanejos.

A phrase deu logar a um commentario desfavoravel do sr. dr. Silvio de Almeida, que communicou aos leitores do *Estado de S. Paulo* a sua importante descoberta de recommendar eu o «exterminio dos indios». Protestei immediatamente nunca ter proferido semelhante cousa, mas o admiravel achado do sr. dr. Silvio corria mundo, triumphalmente echoando pelos jornaes, numa ancia sentimental de lances emocionantes. A sympathia pelos pobres selvicolas desabrochou no peito de muitos a velha flôr do sentimentalismo, e prorompeu em doestos contra o caracter abominavel do naturalista da escola moderna. Rolaram nuvens de protestos e entre elles um até de indios catechisados. O «Centro de Sciencias e Letras», de Campinas, enviou uma objurgatoria formal ao «Instituto Historico e Geographico de São Paulo». O Instituto, ao envez de repulsar a aggressão, que de tal arte se movia contra as idéas de um seu socio fundador e benemerito (que só por isso tinha titulos bastantes a esta deferencia), preferiu não tomar conhecimento do officio, obrigando-me a não mais partilhar das sessões daquella corporação.

Tanto menos poderia esperar tal proceder quanto em sessão de 1908 expuz e desenvolvi minuciósamente um programma relativo á discussão dos problemas indigenas, assistindo-me neste assumpto quiçá prioridade em nossa época. O Instituto acceitou com applauso a minha conferencia e nenhuma voz se levantou para discutil-a.

Concedo de barato que uma parte dos socios, neste ou naquelle ponto, discordasse das idéas expendidas, mas cousa alguma poderia legitimar a falta de colleguismo para commigo, socio dos mais antigos do Instituto. Por outro lado, ligado pessoalmente por vinculos de amizade a quasi todos os mais frequentes ás sessões, nada me faz suspeitar razões subalternas no proceder daquella sociedade scientifica.

Não ha outra razão, portanto, do que a falta de coragem de vir a publico defender ao consocio, a seu parecer já condemnado no tribunal da opinião.

Eu mesmo tive a prova disso. Pessoas, cujo juizo tenho em alto preço, declararam-me o seu pleno accordo, mas ninguem quiz ter a audacia de affrontar a corrente predominante. Embora! Quanto a mim, não reconheço outra norma de conducta intellectual do que a verdade da sciencia e o interesse publico: «Salus populi suprema lex».

Consoando com o Instituto, a Congregação do Museu Nacional do Rio de Janeiro julgou conveniente lavrar protesto contra as minhas doutrinas, ou melhor, contra as que se me attribuiram. Um dos membros daquella corporação muito se empenhou por occasião da Exposição Nacional para impedir se premiassem os grupos de indios, expostos no Pavilhão do Estado de São Paulo pelo Museu de que sou director. Nada tendo conseguido, apresentou em congregação do Museu o seu protesto. Pouco se me dava, a mim, distinguirem ou não o Museu com o Grande Premio que se lhe conferiu, mas entendo ter havido realmente justiça por parte do jury. As cabanas com indios não só eram a unica tentativa de representar-se a cultura primitiva do paiz, mas patenteavam, ao mesmo passo, os progressos da exploração anthropologica em S. Paulo. Ha apenas poucos annos, distinguem se as

cabanas das diversas tribus do Estado, tão só pelos trabalhos do Museu Paulista e da Commissão Geographica.

Não obstante os meus protestos em varios jornaes, dos de maior circulação de S. Paulo, o director do Museu Nacional continuou a publicar contra mim invectivas infundadas, reproduzindo uma carta do sr. Tenente-Coronel Candido Rondon. Até em publicações de caracter scientifico lançaram-me apedrejos. Mencionarei apenas um artigo de Vicente Melillo, na *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas, Vol. VII, n. 20, 1909, pag. 137. O auctor, sem ter lido os trabalhos que critica, investe a fallar em «exterminio dos selvagens», a decidir que a justiça por mim feita á catechese religiosa é apenas «um ensaio de agradar a todos os paladares, e particularmente aos jesuitas», appellida de ousadia o modo por que me exprimi como cidadão brazileiro, e nem siquer admitte logica nas minhas conclusões. Ai de mim! Ha felizmente criticas a que se não precisa responder, e si menciono esta, é só por ser symptomatica.

Basta, todavia, de observações de caracter pessoal. A mim, certamente, me não compete provar á saciedade o absurdo de juizos injustos com que me brindem, mas não posso esquivar-me de recommendar aos leitores o artigo publicado a 11 de Dezembro de 1909, no *Jornal do Commercio* pelo eminente lente da Academia de Medicina, o dr. P. S. de Magalhães. Diz: « Nossos creditos scientificos no extrangeiro são infimos. Não cansarei de exigir remedio prompto e efficaz á degradação do nosso ensino, á inferioridade da nossa instrucção ». E tendo-lhe varios medicos e naturalistas falado de minha pessoa, o auctor lhes respondeu que ella «bem recentemente houve de soffrer duros golpes da maledicencia e de insensato nativismo».

*
* *

No interesse da seguinte discussão preciso ainda dar alguns esclarecimentos sobre a nomenclatura ethnologica por mim usada. O sr. Coronel Jorge Maia, na sessão de 5 de Março de 1910 no Instituto Historico

de S. Paulo, averbou de illegitimo o uso das palavras «tupy», «guarany», «tapuya» e «caraibe», visto que: «nunca foram linguas, nações, tribus ou cousa que os valha».

A lingua falada pelos indios «tupy-guarany» era o «abanheè» ou «anheèngatú».

Existe ha algum tempo entre «tupymanos», a tendencia de combater o uso das palavras «tupy», «guarany», etc. A intenção, pouco recommendavel praticamente, carece de fundamento historico. A literatura scientifica não admitte esses abusos, só comparaveis á leviandade com que as camaras municipaes mudam ao sabor da moda nomes consagrados de ruas e praças. Póde acontecer julgar o linguista preferivel a denominação «em tupy» para a lingua que estuda, mas as denominações geraes têm de ser conservadas pela literatura. Já no seculo decimo sexto deparamos frequentemente a denominação «tupy» e Antonio Ruiz de Montoya publicou, em 1639, o celebrado «Tesoro de la lengua *guarany*». Acceitemos hoje a proposta do sr. Jorge Maia, e amanhã seremos obrigados a substituil-a por novas denominações de novos auctores de propostas, a seu juizo, ainda melhores. Pouco importam os nomes scientificos com que o chimico baptisou a cal e o gesso; os nomes vulgares nem por isso se aboliram. Como os francezes falam o francez, os guaranys falam o guarany.

São razões, as allegadas, que no interesse da nomenclatura estabelecida e consagrada forçam-nos a conservar denominações ethnographicas geralmente acceitas no Brazil.

No «Estado de S. Paulo» de 22 de Abril de 1910, foi publicada a continuação da «Miscellanea Indigena» do sr. coronel Jorge Maia, onde o auctor professa a opinião de que melhor fôra ter-se queimado ao sahir do prélo, o livro «Glossaria Linguarum» de Martius, e condemna tambem «o arrojo do sr. dr. Paulo Ehrenreich por ter continuado e modificado a classificação de Martius».

Emquanto o sr. coronel Maia não apresentar estudos proprios e ensaios de classificação, só a si mesmo prejudicará, espedaçando os melhores estudos que

até agora possuimos. Quanto a mim ficarei satisfeito vendo approvados os meus ensaios em que tentei corrigir a classificação de Ehrenreich, com relação á ethnographia do Brazil Meridional. Infelizmente as exigencias do sr. Jorge Maia, de se organizarem grammaticas de todas as linguas dos nossos indigenas, será sempre aspiração irrealizavel, por já não existirem pela maior parte as respectivas tribus.

As obras de Carl von den Steinen, Koch-Gruenberg, ou de tantos outros, representam valiosas contribuições para o aprofundamento da linguistica brazileira e o sr. Jorge Maia prestaria sem duvida melhores serviços, antes com contribuições positivas do que com criticas injustas.

* * *

Como já ficou dito, nunca tratei indistinctamente das relações de civilizados com indios, mas sempre, e sempre, distingui os indios mansos sujeitos ás nossas auctoridades e os bravios, ao contrario, em continuas luctas.

Tratarei, pois, separadamente de ambos esses grupos, e terminarei com algumas conclusões geraes.

Catechese dos indios mansos

A questão mais importante em debate é sobre si a catechese deve ser leiga ou religiosa. Sobre esse assumpto difficil divergem as opiniões, mas observando os resultados alcançados em outras épocas, é possivel chegar a conclusões mais ou menos exactas. E' verdade que uns poucos de lustros não conseguem elevar povos incultos, inferiores, ao estado intellectual, moral e religioso da maior parte do povo brazileiro. O essencial não é a catechese, é a educação. Com dedicação esforçada e paciencia constante, os bons resultados, é quasi certo, se mostrarão no decorrer de algumas gerações e os ascendentes dos indios se assimilarão no resto da população rural. Os adultos, creados ao sopro da independencia e da antipathia contra a civilização, não se tornarão certamente, com raras excepções, cidadãos uteis. O melhor que se póde esperar

delles é negativo – que não continuem a perturbar a ordem publica do sertão. Logo que, ao cabo de decennios, os aldeamentos prosperem e ganhem o aspecto e a vida de pequenos povoados ruraes, ter-se-ha solvido o problema que tanto apaixona a opinião. A maior difficuldade a vencer consiste no começo. A indole apathica do indio, a absoluta inconstancia no cumprir os deveres ou occupações expontaneas, oppõem a tenacidade de obstaculos á vontade do mestre a quem a sua educação se confie. Ha nas colonias européas, difficuldades analogas a vencer por parte dos missionarios e empregados. A experiencia demonstrou a necessidade de conhecimentos technicos e idoneidade moral nas pessoas destinadas a esses serviços, ao mesmo tempo humanitarios e administrativos. Convenientemente preparados em estabelecimentos especiaes, estaduaes ou religiosos, os funccionarios na Europa, antes de chegar ao logar de suas funcções, são já mais ou menos versados na lingua falada na colonia, e conhecem perfeitamente a indole, os defeitos, as fraquezas e as boas qualidades dos colonizandos. Qual será em comparação a situação dos empregados nomeados pelo Governo do Brazil ? Terão, logo de começo, desillusões amargas, e os annos passados longe da civilização, entre homens estupidos e algum tanto antipathicos, afigurar-se lhes-hão annos de punição e de exilio. Ausentar-se-hão sem licença, do seu posto, tantas vezes quanto possivel, confiando a inferiores as suas delicadas funcções. Taes funccionarios (a experiencia o demonstra), procuram locupletar-se á custa dos indios, tirando grandes lucros, isso sem tocar nos abusos contra as mulheres. Leia-se a respeito a memoria sobre a catechese dos indios da Provincia de S. Paulo, pelo dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, em data de 16 de Abril de 1862 (Rev. Soc. Ethn. e Civilis. dos Indios, tomo I, S. Paulo, 1901, pag. 59-69) ; o auctor, muito competente, lamenta o «nenhum resultado que se ha colhido da catechese e civilização dos indigenas da Provincia».

«Começado a executar o decreto regulamentar de 1845, pela nomeação do director geral e de alguns directores parciaes, o primeiro com as honras de bri-

gadeiro, e os segundos com as de tenentes-coroneis, e além disto com o fardamento destinado para o estado-maior do exercito, grandes esperanças nutriu o publico, de que assim munidos os indios de brigadeiro e tenentes-coroneis veriam de dia a dia melhorada a sua sorte; essas esperanças, porém, foram desapparecendo com a logica irresistivel dos factos, diante da qual o espirito o mais refractario se curva e humilha.

Os tempos correram, e como nenhuns resultados felizes se colhessem, entendeu talvez o Governo, que o numero dos tenentes-coroneis e capitães ainda era pequeno, e sob proposta do respectivo director geral, se fizeram novas e repetidas nomeações de directores parciaes, de thesoureiros e secretarios, de fórma que, a julgar pelo numero de militares desta ordem que possuimos na capital, dir-se-ia que nos achamos cercados de hordas indigenas.

Esses diversos aldêamentos, porém, cujos directores conhecem apenas a sua existencia no diploma que lhes conferiu honras militares, e que só tem realidade na secretaria do Governo, nos registros e assentos das referidas nomeações, nenhum resultado tem apresentado».

Queixas como estas sobre o decreto n. 26 de 24 de Julho de 1845, encontram-se tambem na valiosa memoria de Joaquim Norberto de Sousa e Silva. «Sobre as aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro» (Rev. Inst. Hist. Geogr., Rio de Janeiro, vol. XVII, 1854, p. 121) dizendo o auctor que o referido decreto «encerra mui poucas providencias, e praza a Deus que ainda assim seja elle executado, para que se reconheçam os seus defeitos e sejam emendados por homens dotados de conhecimentos necessarios, bebidos nessa longa experiencia de tres seculos e meio de vãos ensaios».

Nos ultimos decennios do imperio, cada vez mais cresceu o descuido da catechese dos indios e a republica não alterou um ápice.

Na época colonial foram os mesmos os defeitos da catechese official. José Arouche de Toledo Rendon, que desempenhou em 1798 o cargo de director geral de todas as aldeias da provincia de S. Paulo, la-

menta «os erros palmares que têm commettido nossos avós na civilização dos indios» e exprime a esperança que «quando das aldeias se não colham fructos, como de facto poucos se poderão colher, elles pelo menos servirão como de viveiros para tirar-lhes alguns filhos, que irão ser cidadãos mais uteis que seus paes». (l. c. tomo IV, 1842, ed. 2, 1863, p. 317). O desembargador Manoel Francisco da Silva Veiga Macre de Moura, encarregado de averiguar as causas da deserção dos indios na aldeia de Itaguahí, Estado do Rio de Janeiro, declara que o descuido da aldeia e as violencias praticadas contra os indios começaram depois da sahida dos jesuitas, ficando os indios e a aldeia sem administração (l. c. vol. XVII, 1854, ed. 2., 1894, p. 335).

Tambem o Marquez do Lavradio attesta em 1876, como vice-rei e capitão geral do Estado do Brazil, a respeito dos jesuitas: « com a extincção d'estes, como lhes não puzeram director nem pessoa alguma que os governasse, ou que requeresse por elles, foram pouco a pouco desertando, e as pessoas que foram administrar a fazenda de Santa Cruz foram lhes tirando as terras que lhes tinham dado e fazendo-lhes outras violencias aos que allí ficaram, de modo que todos se viram obrigados a sair e ficar a aldeia quasi sem ninguem» (l. c. tom. XVII, 1854, p. 333).

Não precisamos recorrer aos primeiros seculos da occupação do Brazil pelos portuguezes para explicar as crueldades commettidas pelos conquistadores contra os indigenas e como eram necessarios decretos, leis e bullas papaes, aliás poucas vezes observadas, para garantir ao selvagem os direitos de homem e cidadão. O illustre estadista José Bonifacio de Andrada, de cuja memoria transcrevo um trecho, indica como causa das difficuldades que se tem com os indios «o despreso com que geralmente os tratamos, o roubo continuo das suas melhores terras, os serviços a que os sugeitamos, pagando-lhes pequenos ou nenhuns jornaes, alimentando-os mal, enganando-os nos contractos de compra e venda, que com elles fazemos, e tirando-os annos e annos de suas familias e roças para os serviços do Estado e dos particulares, e por fim enxertando-lhes os nossos vicios

e molestias sem lhes communicarmos nossas virtudes e talentos» (l. c. vol. XVII, 1849, ed. 2.· 1874, p. 228).

Leiam-se todas estas ideias e experiencias pronunciadas por pessoas de alta competencia, estudem-se os innumeros documentos referentes á catechese dos indios, os protestos do indios ou de seu capitão-mor, do juiz-conservador ou de desembargador juiz conservador dos indios (1. c. vol. XVII, da citada revista); o resultado é sempre o mesmo: *a condemnação absoluta da catechese leiga entretida pelos governos.*

Propositalmente deixei de parte o juizo formulado por padres, mas vale a pena de tomar conhecimento da opinião de alguns dos mesmos. Assim diz o padre Claro Monteiro, o missionario martyr de S. Paulo, (Rev. da Soc. Ethnogr. etc., S. Paulo, 1901, p. 78) «a catechese dos indios cessou no dia em que o governo assumiu indebitamente a direcção desse serviço, creando uma repartição publica de catechese com pessoal bem remunerado, para a collocação de protegidos politicos»... «A maior difficuldade dos missionarios na civilização dos selvicolas é a especulação torpe dos regatões, protegidos pelos regulos politicos dos sertões, que abusam da ingenuidade e ignorancia do indio, para defraudal-o escandalosamente ou reduzil-o a uma verdadeira escravidão». O «Correio Catholico» publicado em Uberaba, no numero de 20 de Fevereiro de 1910, dirigindo-se contra a nova éra de catechese leiga, disse que «a aptidão para a catechese é a regra entre os missionarios; fora d'ahi está a excepção; o Governo escolha». Em vista desse artigo o Snr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura deu, n'«O Paiz» de 15 de Março uma declaração pela qual entende poder combinar a catechese leiga e a religiosa. O futuro ha de mostrar de que modo será possivel ao Snr. Ministro harmonizar estas duas intenções com o programma positivista do Snr. Coronel Rondon, por elle escolhido para inaugurar a nova phase da catechese official.

Por minha parte nunca deixei duvidas sobre a preferencia que dou á catechese pelos missionarios. No anno de 1901 fundei em S. Paulo, com os Snrs. Conego Ezechias Galvão da Fontoura, Dr. Jcão Mendes de Almeida Junior, General Couto de Magalhães e outros, uma

sociedade de ethnographia e civilização dos indios, que logo depois se findou, em vista da indifferença geral. Na primeira sessão (p. 2 da Revista dessa Sociedade) declarei que para a catechese «o meio mais efficaz será o de confiar essas missões a ordens religiosas e invocar para isso o auxilio do Estado». Tambem na Revista do Museu Paulista, vol. I, 1895, p. 43 exprimi-me do mesmo modo dizendo que «o systema official da catechese tem fracassado no Brazil, tão completamente que é condemnado por todos os homens de criterio. Successos grandiosos, não têm sido conseguido sinão pelos jesuitas. Só a faisca d'um amor que abrace tudo, só a dedicação enthusiastica para uma obra considerada como meritoria, ou antes como santa, é que pode dar estimulo e satisfacção a quem estiver dedicando a sua vida á educação de hordas indolentes, semiselvagens». Nesta minha opinião sou absolutamente insuspeito, eu acatholico e naturalista da escola moderna. Venerador e amigo do eminente naturalista Ernesto Haeckel, não o acompanho, entretanto, na sua campanha contra as diversas confessões christãs, e, como este thema me envolveu em uma pequena discussão com o jornal anti-clerical «A Lanterna» desta capital, julgo conveniente reproduzir aqui o que disse naquelle jornal (n. 12, de 1 de Janeiro de 1910).

«Ha um ponto capital em que não estou de accôrdo com o eminente mestre de biologia. Haeckel entende que as ideias, que julga estarem provadas, devem entrar para a escola, e elle deseja pôr de lado as religiões exístentes, como desnecessarias. Aqui o ponto em que os nossos caminhos se separam. As conclusões ás quaes o naturalista e o medico chegam, por estudos sinceros e prolongados, não servem para o espirito inculto. Destruir ao povo a sua fé religiosa seria um procedimento insensato, emquanto nada temos para offerecer-lhe que possa substituil-a. Ha porêm outro motivo ainda mais nobre para chegar á mesma conclusão. E' immensa o capital já accumulado e comprehendido pela sciencia, mas todas as novas descobertas servem apenas para afastar de nós mais um pouco o ponto onde acabam o nosso poder e os nossos conhecimentos. O que vae alêm disto é a hypothese, a theoria, a crença. Si qui-

zermos ser justos, temos de reconhecer que a crença do naturalista monista não vale mais do que a do homem religioso. Por minha parte estou convencido de que a religião christã, com as novas descobertas das sciencias naturaes, soffrerá tão pouco como na epoca de Galileu e que as actuaes confissões desta religião sympathica terão de modificar-se muito para em tempos futuros servirem de modo sufficiente ao animo e ao coração dos devotos. Acredito mesmo que virá a época em que a crença do naturalista moderno e a do christão observante chegarão ao ponto de se confundir dentro de certos limites». As poucas palavras com que aqui pretendi explicar a minha crença scientifica e religiosa, justificam-se pela necessidade de esclarecer as minhas doutrinas a respeito da catechese. Não faltou quem interpretasse malevolamente as minhas ideias, nem quem, ignorante da conducta moderada e sobria que o homem prudente deve manter, extranhasse não ter agido eu com maior exaltação e intransigencia.

Falo dos missionarios como historiador imparcial e systematico, e nenhuma referencia lisongeira proferiram meus labios que não fosse a expressão de minha consciencia, que não fosse um grande dever de justiça.

O programma do Snr. Coronel Rondon

Está ainda em preparativos a éra de catechese official que o Snr. Dr. Rodolpho de Miranda, Ministro da Agricultura, pretende inaugurar, e, exceptuadas as declarações do Snr. Coronel Rondon e principalmente a carta de 14 de Março de 1910 por este dirigida ao Snr. Ministro, não constam outros documentos por onde se possa aferil-a. Na carta o Snr. Rondon fala como positivista e membro da Egreja Positivista do Brazil, com ademanes pouco usados por funccionarios, e de que não devem usar, a meu parecer. Ponto de vista, tal, tão pronunciado e subjectivo, faz duvidar da solidez das novas relações positivistas com o governo da Republica. O Snr. Ministro da Agricultura foi já obrigado a declarar aos jornaes, condições que modificam a opinião formada pelo publico deante de informações anteriores,

e as declarações ministeriaes são aliás pouco condicentes com o programma do Snr. Rondon.

Como positivista, o Snr. Rondon nem ao menos é consequente, visto como exclue o ensino religioso da catechese dos indigenas, quando na conhecida opinião de Comte o espirito passa em primeiro logar pela phase theologica.

O programma para a Nova Inspectoria Federal de Protecção Fraterna dos indigenas do Brazil, escripto ás pressas, é bem incompleto.

Em geral contem conceitos de ha muito recommendados, como: tratamento bondoso, garantia da posse de terras, e protecção contra violencias e abusos. Achando desagradaveis aos indios quaesquer obrigações e ensino systematicos, por mais uteis que se nos affigurem a nós occidentaes, julga não obstante o Snr. Rondon poder empregal-os facilmente na conservação das linhas telegraphicas no sertão.

Duvidamos disso, assim como da conveniencia de remover fraternalmente os indios em certos casos de sua moradia actual para novas aldeias, segundo o exige o interesse da respectiva Inspectoria. E' natural que compita á Inspectoria fiscalizar o modo pelo qual os indigenas são tratados nas colonias e estabelecimentos particulares, mas duvidamos que lhe caiba egualmente «tornar effectiva a punição dos crimes que se commettem contra os indigenas».

Suscitar-se-hão naturalmente daqui conflictos com a jurisdicção estadoal.

O programma preoccupa-se inexperientemente com os pontos mais simples da questão, deixando de lado os que encerram mais serias difficuldades

Não é necessario possuir alto gráu de imaginação inventiva para dirigir aldeamentos de Bororós e Parecis, e offerecer terrenos aos demais indios já em contacto com as nossas auctoridades.

Não se precisa de domador para lidar com boiada. O problema essencial da questão dos indios—a anarchia que actualmente caracteriza as relações das auctoridades nacionaes com os indios bravios—o programma do Snr. Rondon nem toca de leve. Muito menos, o lado scientifico do assumpto.

Tratarei mais adeante dos indios bravios, e baste como conclusão que o programma do futuro chefe da Inspectoria de Protecção dos indios é absolutamente insufficiente e incompleto. E' digno de censuras quem, em momento tão inopportuno, faz praça de suas crenças religiosas positivistas, e intenta dispensar completamente a coadjuvação valiosa dos missionarios. Não é de esperar, deante das experiencias até agora, que o processo de tratamento fraternal consiga solução satisfactoria.

Os assaltos e massacres continuarão no sertão do Brazil Meridional, e, como até agóra, serão os sertanejos obrigados a tratar da propria defesa e do exterminio dos indigenas. Não podemos acreditar que esse programma positivista satisfaça ás exigencias que uma população tem o direito de reclamar de auctoridades especiaes. Ficou já demonstrada a insufficiencia da antiga catechese official, e foram expostas em parte as causas do insuccesso.

Começa-se agora de novo com a catechese official, sem medidas garantidoras de melhores exitos. A historia concentra a sabedoria dos seculos e a ella cabe orientar as gerações novas.

O Snr. Rondon combate ideias minhas, nunca por mim professadas, imputando-me até pretender eu negar-lhes terras já por elles occupadas ou escolhidas pelo governo.

Ninguem exigiria do Exm°. Coronel, conhecesse a minha conferencia produzida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, publicada na imprensa; mas todos temos o direito de exigir-lhe que não invente accusações para rebatel-as quixotescamente com vehemencia e emphase ridicula. Divergimos em variados pontos, e porventura poderia o Snr. Coronel levantar questões scientificas, e não voejar eternamente em torno de calumnias e invencionices propagadas pela imprensa.

Divirjo ainda do Snr. Rondon ao referir-se ao caracter pacifico e sincero dos indigenas já submettidos. Ninguem poderá prevêr o procedimento dos empregados destacados, nem as influencias contrarias ás nossas intenções que prevaleçam entre os indios. Indios com que julgamos viver em perfeita paz, commettem improvisa-

mente crimes contra os seus bemfeitores, ou incitam a perpetral-os a indios com elles em contacto. Muito instructivo afigura-se-nos a este respeito o assalto e o saque dos indios Chavantes-Opaié á casa de Pedro Lopez em Nhanduhy, na Vacaria de Matto-Grosso, a 4 de Janeiro de 1905. Pedro Lopez cumulára entretanto de serviços aos Chavantes. Soube-se pertencerem os atacantes a uma horda differente da favorecida por Lopez, mas isso apenas prova não garantirem absolutamente contra uma tribu, os beneficios feitos aos seus membros.

A população de Matto Grosso crê, por isso, constituir a mansidão dos Chavantes e outros um ardil para mais facilmente assassinar os seus bemfeitores.

O methodo fraternal implica assumir o governo a responsabilidade de numerosas vidas, e tudo isso em consequencia de ideias extravagantes e rematadamente falsas sobre o caracter dos indios. Ainda este anno, novo assassinato em Matto Grosso veio confirmar quanto affirmamos.

Chamou-se a victima F. Valois Velho, ha pouco nomeado director dos indios Cajabis. Entretinha bôas relações com os naturaes e, confiante, atravessava sosinho o Paratininga no porto de seu sitio denominado «Mulateira» e levava presentes para os indios. Assassinaram-no traiçoeiramente a 21 de dezembro. Para provar quanto o philoindianismo epidemico destes ultimos tempos tem degenerado para aôca verbosidade, adduzirei aqui um trecho de folha vespertina desta capital; em 25 de Outubro de 1909 noticiou terem sido salteados os membros da commissão telegraphica do Amazonas a Matto Grosso, por indios, ao vogar, em canoas pelo rio Formoso. O dr. Paula Santos foi ferido, segundo o jornal, por quatro flechadas e dous remadores pereceram. Assim remata a noticia: «Por occasião do ataque felizmente poude-se afugentar os indios, sem o sacrificio de nenhum delles, cumprindo-se assim fielmente especiaes determinações do chefe Coronel Rondon para que, mesmo atacados, se evitasse sempre, e dentro do possivel, causar a morte de um selvagem siquer».

⁂

Indios bravios

Eis aqui o ponto unico de divergencias da opinião: os selvagens bravios, em constante guerra com a população neo-brazileira. (1)

Mostrámos precedentemente o estado de completa anarchia actual das luctas dos selvicolas com a população neo-brazileira e com os colonos recem estabelecidos. As auctoridades federaes e estadoaes, temendo a grita dos jornaes, não têm a coragem de oppôr a força á força e assim abandona-se e sacrifica-se o sertanejo. Os jornaes noticiam de quando em quando assaltos e depredações. O cidadão pacato da capital, ao deparar as narrativas, no ról das cousas desagradaveis, lamenta as victimas da sanha selvagem como lamenta os estragos do raio, as torturas do ophidismo, ou os negrores do crime. sem medir as consequencias, sem reclamar remedios do governo. O criminoso deve punir-se no consenso de todos para segurança collectiva; só o selvagem escapa aos dictames da justiça e devasta propriedades, e trucida os seus inermes habitantes. Uma exaltação religiosa de neo-brazileiros, como por exemplo, o caso dos «Muckers allemães» do Rio Grande do Sul, em 1874 (2), ou dos «Jagunços bahianos» em 1896 (3), basta para uma expedição de policia e de tropas ser enviadas para combatel-os. Só os indios têm o direito de matar sertanejos, mulheres e creanças, sem levantar-se uma unica aucto-

---

(1) O Snr. Tenente Coronel Rondon, na terminologia positivista denomina «occidentaes» os brazileiros de origem europea. A denominação entende só com a Europa e nada significa aqui. Si não fôra a confusão poderiamos designar a população branca pelo nome de immigrados. Mas cumpre distinguir os nascidos no Brazil, dos novamente acclimados. Eu propôria o nome de «neo-brazileiros» para o conjuncto das raças immigradas e seus descendentes depois da descoberta da America. Os indigenas seriam o elemento brazileiro primitivo ou «paleobrazileiro».

(2) *Ambros. Schupp*, S J Die «Mucker» Paderborn, 1900; *C. von Koseritz*, Der Muckerschwindel aut den Deutschen Kolonien. Koseritz Deutscher Volkskalender für 1875, Porto Alegre, p. 119 ss.

(3) *Euclides da Cunha*, Os Sertões (Campanha de Canudos), Rio de Janeiro 1903.

ridade para punil-os. Qual a razão? Pertencerá a terra ainda aos primitivos donos? O Brazil Colonia, Imperio ou Republica deve assegurar e assegura a todos egualdade perante a lei. E' verdade que os bandeirantes caçavam indios, mas a Lei de 6 de Junho de 1755 constitue livres os indios, como mais tarde se forraram escravos africanos. Os indios perante a imperfeita legislação actual concideram-se menores e são confiados aos juizes de orphãos. Os juizes em geral desleixam-se, e crimes infames repetem-se por isso impunes contra indios mansos. Os indios desfazem-se facilmente de terras a troco de recompensas e vantagens insignificantes e só esta razão justifica a imperfeição das leis. Evitam-se, comtudo, taes abusos, estabelecendo a reversão das terras ao dominio do Estado, uma vez abandonadas pelo concessionario indigena.

Si tal succedesse não haveria mister fazer para elles excepções ao direito commum da Republica. A penultima conquista contra disposições legislativas odiosas contra a população brazileira, foi a conseguida pelo eminente estadista Gaspar Silveira Martins, em 1881, em favor dos cidadãos acatholicos. A ultima será a que equiparar o indios aos demais cidadãos brazileiros. O estado cultural dos aborigenes continuará, certamente, a exigir por muito tempo, medidas especiaes. Concedam-se-lhes favores, mas não a immunidade de matar brazileiros de diversa origem. Falamos sem exagero algum. Anno apoz anno, repetem-se no sertão de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, assaltos em que se perdem propriedades, familias e vidas.

Adduzo aqui, para prova dos prejuizos causados, as principaes sortidas dos Caingangs; e bem certo estou que esta relação é ainda muito incompleta.

1906. Assalto e assassinio de 5 pessoas da Corredeira; de 2 pessoas no Lageado, alèm de outros incidentes menores.

1907. São trucidados o agrimensor Deocleciano Gomes e dous camaradas, ficando um terceiro ferido.

1908. Assassinio de 2 serradores portuguezes em Bariguy.

1909, em 29 de Março. Primeiro assalto ao pessoal da linha Noroeste em Santa Cruz, morrendo 5 pessoas.

em 28 de Julho. Assalto na Fazenda «Indiana», perecendo Manoel Paraná e dous camaradas e havendo 6 feridos.

1910, em 29 de Março, os indios atacaram no kilometro 248 uma turma de serradores, tentaram arrancar trilhos e levaram a chapa do kilometro; em 16 de Maio outro assalto á linha Noroeste.

Os moradores prejudicados por esta absoluta falta de protecção por parte do governo, organizam-se com «bugreiros» (chamam-se assim os versados na caça indigena); estes, juntamente com os prejudicados, dirigem-se para a aldeia, e de madrugada assaltam-na e destroem-na. Matam todos os homens e as vezes mulheres e creanças, sem perigo para os assaltantes, e na mais horrivel das carnificinas. Chamam-se taes matanças, em S. Paulo, «dádas».

Primitivamente não escapava vivo ninguem, mas afinal prevaleceu o costume de se pouparem as creanças e parte das mulheres, que se distribuem pelos membros da expedição, e provavelmente cedidas por dinheiro. Alguns jornaes têm descripto as «dádas» com exagero. O conhecido periodico geographico *Globus* (vol. 91, 1907 pag. 121) traz um artigo do Snr. Fricz, auctor de um protesto contra taes selvagerias, em 1908, no Congresso Internacional dos Americanistas em Vienna, sem resultado, em que se leva muito alêm a exageração.

Fricz affirma que os bugreiros enfeitam as suas espingardas com os dentes dos indios por elles mortos e que vendem aos fazendeiros orelhas seccas de indios por preço de duzia. São phantasias ou mentiras de caçador, acceitas ingenuamente pelo viajante. O dr. Gensch, em Blumenau muito se empenhou para pôr termos ás «dádas», conseguindo apenas armisticios. Um dos valentes bugreiros daquelle Estado, ao voltar para casa, encontrou-a destruida, e trucidada toda a familia. Comprehende-se depois disto ter-se elle transformado de pacifico agricultor no mais implacavel inimigo dos bugres. O caso é analogo á justiça do lynchamento, applicada pelo publico todas as vezes que a justiça official não se de-

monstra. Cumpre, com a maxima instancia, ao Estado deitar um ponto final nessa anormalissima situação. O problema consiste em prender «fraternalmente» esses indios bravios, aldeial-os em condições de futura existencia, e que possam extinguir os costumes criminosos.

José Bonifacio de Andrada e Silva, cuja memoria citada é a melhor de quantas conheço, escreveu (l. c. p. 235): «as bandeiras que devem sahir a buscar indios bravios dos mattos e campos para serem aldeiados, serão homens escolhidos que levem em sua companhia, como linguas, indios mansos, e um missionario para os persuadir a catechisar com presentes, promessas e bom modo».

Para o Estado de S. Paulo, a questão é de grande actualidade. Ou o Estado desiste de continuar a fazer trafegar a estrada de ferro Noroeste, ou será obrigado a tornar os indios respeitosos de nossa civilização. Só ha dous recursos. O primeiro consiste em estabelecer uma colonia bem dirigida, administrada e defendida, em territorio occupado por indios bravios. Esta colonia deveria ser formada com Coroados mansos, que de qualquer modo consigam entender-se com os indios bravos, e demostrem-lhes a conveniencia de aldeiarem-se vantajosamente no mesmo territorio. Todavia os selvagens consideram trahidores e inimigos, os transfugas, em bôas relações com os brancos, e portanto a tarefa é precaria e perigosa.

Em 1903 o Snr. Coronel Sanchez organisou uma expedição em companhia dos frades capuchos, que a pedido do governo de S. Paulo queriam tentar a catechese dos Coroados bravios de S. Paulo. Uma india de nome Maria, educada entre os brancos, conseguiu explicar a uma outra mulher da tribu, as intenções pacificas da expedição, fazendo-lhes ver as conveniencias de entrarem os selvicolas em bôas relações com a população do sertão. As propostas foram bruscamente regeitadas pelos indios e um coroado manso, que acompanhava a expedição como camarada, foi morto a flechada quando todos voltavam pela picada. Têm sido infructiferos todos os ensaios de chegar a qualquer accordo com estes selvagens.

Entretanto deve ser possivel a pacificação desses Kaingangs ou Coroados, visto acharem-se já pela maior

parte aldeiados no Estado do Paraná, principalmente nas proximidades de Guarapuava. Na primeira metade do seculo passado viviam os Coroados do Rio Grande do Sul em continua guerra com os colonos da Serra do Mar. Entraram mais tarde em relação com as auctoridades e foram aldeiados. No Rio Grande do Sul e no Paraná esses indios, si actualmente não prestam serviços relevantes, ao menos não perturbam mais a ordem publica.

Será possivel em S. Paulo e Santa Catharina proceder da mesma sorte relativamente aos Coroados do Brazil Meridional.

Si tal processo pacifico se não effectuar, virá o tempo em que se organizem bandeiras para reduzir os indios e aldeial-os. Pelo emprego de pessoal idoneo, as capturas far-se-hão sem derramamento de sangue. Comprova não serem, por natureza, sanguinolentas as capturas, o facto de se não constatar um só obito em membro de bandeira, por occasião de nove dádas do municipio de Baurú. De resto, parece-me não contarem muitos indios os Coroados do Oeste de S. Paulo, orçando de 500 a 700.

Programma para tratamento dos indigenas do Brazil

1) O elemento indegina desapparece do Brazil absorvido pela raça branca. Martius, em 1838, disse: «Duas são as cousas que a humanidade transmitte hereditariamente : sangue e espirito. De ambos o indigena da America só deixará vestigios. Por esta razão pode-se dizer que a raça americana não tem mais futuro. Perante a nossa vista ha de desapparecer». A legislação e administração publica devem-se inclinar perante essa lição da sciencia e da experiencia.

Ainda que o indegina possa muitas vezes fundir-se economicamente com o homem civilizado, ainda que em parte se assimilem á população rural, nem por isso as medidas postas em pratica em favor dos indigenas se devem considerar como conquista de novos elementos de trabalho, mas simplesmente como um acto de nobreza e de amor da raça vencedora para com a vencida.

2) Não existem regras geraes para o tratamento dos indios. Bravios ou trataveis, são sempre desejosos de restringir ao indispensavel o contacto com os neo-brazileiros, ainda que vivam frequentemente á moda do caboclo no meio da população sertaneja. Prestam-se alguns a serviços regulares de que refogem outros; enumeram-se alguns entre os agricultores, dedicam-se outros á creação do gado, são canoeiros outros. A's inclinações naturaes, e ás particularidades do caracter da tribu se deve conformar a nossa conducta para com elles.

3) Nenhuma outra catechese excede á dos missionarios, pelo zelo sincero dos catechisadores á obra por elles considerada santa ou meritoria, quando estabelecida de accordo com as disposições do governo, com a devida fiscalisação. O governo decidirá quaes as tribus mais proprias á catechese, devendo-se considerar os serviços, nos primeiros decennios, antes trabalho de educação e de caridade do que como serviço religioso regular. Restringir-se-ha o ensino, de começo, ao indispensavel, visando mais a comprehensão da moral christã do que a sua parte dogmatica.

A primeira condição de successo na catechese é que os missionarios tenham perfeito conhecimento da lingua dos indios, cuja educação vão tentar, e o Governo deverá insistir nesta clausula em qualquer contracto que fizer com os missionarios.

4) A catechese e o ensino religioso não devem impor-se obrigatoriamente aos indios desejosos de continuar a viver independentes. Serão então entregues á fiscalisação das auctoridades encarregadas de subvencional-os opportunamente, e providenciando para evitar todo o incommodo ou perigo que possam causar aos visinhos. Poderão assim continuar livremente entregues ás suas industrias e costumes com absoluta liberdade religiosa emquanto não degenerem.

Os Carajás e Cayapós do Rio Araguaya recommendam-se por exemplo á conservação no actual estado de cultura.

5) O procedimento das auctoridades deve ser dirigido pela bondade e pela justiça. Devem-se evitar contacto continuo, bem como quaesquer outras medidas

coactivas de sua liberdade sem necessidade. As auctoridades competentes devem zelar pelo cumprimento das leis e regulamentos.

6) Os indios mais ou menos habituados á vida sertaneja serão entregues ao cuidado dos missionarios.

7) O governo concederá aos indigenas as terras por elles occupadas, sem dar-lhes entretanto titulo ou direito de alienal-as em todo ou em parte. Garantir-se-ha mais ou menos completamente a conservação das respectivas mattas, prestando os officiaes do governo especial attenção a este assumpto.

8) Os indios serão equiparados aos outros cidadãos da Republica, denunciando-se e julgando-se os crimes de que forem victimas pelo direito commum brazileiro.

Gosarão sómente de um favor da lei: serão dispensados do serviço militar e do pagamento de impostos. Esta medida refere-se porêm sómente aos indigenas ainda não completamente civilizados.

9) Os indios assaltantes, que impedem o desenvolvimento regular da civilização, serão aldeiados mesmo á força e até por meio de bandeiras, como já ha muito o recommendava José Bonifacio, ainda que se devam o mais que possivel evitar recursos extremos. Cumprirá em taes casos tentar preliminarmente aldeial-os em colonias com indios mansos da mesma tribu, como acima ficou dicto. Nos serviços effectuados nos mattos não se empregarão tropas regulares, mas sertanejos affeitos á vida do matto e á indole dos selvicolas.

10) Juntamente com os fins praticos da civilização dos indios, não se deve esquecer o interesse scientifico da questão. E' em Vienna e na Allemanha que se encontram as collecções mais valiosas para o estudo da cultura indigena. No Brazil fizeram-se collecções de objectos reunidos ao acaso, que não tem a unidade e a minucia daquellas collecções providas de todas as informações. Além das modestas expedições do Museu Paulista, não se realizou expedição alguma organizada pelo governo do Brazil, com a intenção de estudar o problema. Deverá servir de modelo ao Brazil o «Ethnographical Bureau» da America do Norte; tudo depende nesse caso da competencia dos exploradores, a qual só pode ser julgada pelos collegas idoneos de outros paizes.

Conclusões

Na vida social não existem apenas mentiras convencionaes: existem tambem actos convencionaes, em que se procede de modo absolutamente antagonico aos dictames da experiencia scientifica e da prudencia. E' exemplo disso o tratamento da syphilis, muito differente do das outras molestias contagiosas, pelos obstaculos dos preconceitos e convicções moraes. E' exemplo disso ainda no Brazil a questão dos indios bravios. Repetem-se annos e annos, assaltos, massacres e barbaridades de toda a sorte e de parte a parte, e ninguem faz caso.

Mas eis que vem o naturalista, e em estudo exclusivamente scientifico menciona o exterminio dos indios, e logo echoam clamores de associações scientificas e não scientificas, religiosas e outras, num unisono clamor contra as perversidades do homem abominavel.

Que indigna hypocrisia. Por acaso não sabem os censores o que dia por dia ahi vae pelo Brazil? Sem duvida o ininterrupto exterminio dos indios desde a descoberta é uma vergonha que se deveria varrer da historia nacional. Não se arrojem convicios e baldões aos que verificam e narram os factos, nem ainda mesmo contra os auctores dos crimes; mas censurem-se as actuaes auctoridades estadoaes que, admittindo o actual estado de anarchia, forçam os sertanejos a defender-se contra os assaltos e a punir os assaltantes. Quantos conhecem o interior do Estado de S. Paulo, sabem como no correr dos ultimos 50 a 60 annos limpou-se o sudoeste do Estado não só de indigenas bravios como de mansos e sujeitos ao nosso regimen. Nos ultimos trinta annos concluiu-se o exterminio dos Chavantes do Estado de S. Paulo. Tinha ha muitos annos desejo de mandar estudar estes indios. No anno passado offereceu-se excellente opportunidade, podendo eu encarregar desta taréfa o Sr. Kurt Unckel, amigo dos indios, o qual já vivera dous annos entre os Guaranys do Rio Batalha, onde o adoptou o cacique do aldeiamento. O resultado foi quasi nullo. Os Chavantes, numerosos até ha poucos decennios, não existem mais hoje. Restam tão sómente 4 individuos, assimilados á população sertaneja e es-

quecidos em grande parte do seu idioma. Em 1893, um sertanejo energico Verissimo de Goes procurou aldeiar esses indios e levou-os até a capital do Estado, onde aliás nada conseguiu em favor de seus protegidos. Com a maior difficuldade tornou com os seus trinta ou quarenta Chavantes até São Matheus, onde os extinguiu uma epidemia, á excepção de um velho ainda vivo, e empregado em serviços domesticos. A miseria augmentou dahi por deante cada vez mais entre os Chavantes. Certa vez quatro mulheres perseguidas por Coroados se refugiaram em S. Matheus. O dono da primeira casa em que procuraram abrigo prostrou logo uma dellas com um tiro. O ultimo cacique dos Chavantes, homem forte e alto, encontrando-se no campo com um morador, foi tambem brutalmente assassinado a tiros, sem que de sua parte tivesse havido troca de palavras ou resistencia. Menos faceis de assassinar são os Coroados bravios e guerreiros, que habitam as mattas espessas e lá se defendem com as suas flechas como bons atiradores que são. Organizaram-se innumeras dádas na visinhanças de Baurú e de Campos Novos, nestes ultimos tempos, e os bugreiros tem atacado á arma branca as cabanas, matando creanças e mulheres. A imprensa europea discute estas cousas e ha pouco em um congresso de americanistas. A's auctoridades cabe reagir duplamente no caso. Primeiramente impedindo os assaltos ás propriedades ruraes; em segundo logar reprimindo os excessos da reacção dos colonos contra os indios. Nada seria de extranhar si os governos dos paizes europeus dirigissem ao Brazil esta pergunta: «Quaes são as garantias de vida e propriedade que offereceis aos nossos filhos, que a vosso convite ahi vão procurar uma nova existencia» ?

Em toda essa questão só uma corporação scientifica se pronunciou de modo criterioso: foi o «Club de Engenharia» da Capital Federal, que, reprovando o exterminio dos indios, declarou ao mesmo tempo «indispensavel e urgente que o governo providencie sobre a fundação de colonias militares convenientemente situadas e destinadas á protecção e defeza do sertanejo contra os ataques dos indios bravios e egualmente sobre a catechese destes, reservando-se aos mesmos, extensão

territorial propria e adequada á sua localização, de modo a serem incorporados á nossa civilização».

A opinião dos sertanejos prejudicados não foi ouvida nesta questão. Importam-lhes pouco as lamentações dos jornaes e procedem na sua defeza com os recursos que sabem lançar mão. Os interesses dos colonos de Santa Catharina foram entretanto discutidos pelo «Urwaldsbote» de Blumenau e as conclusões do artigo editorial são as seguintes: «Si se quizer poupar os indios por motivos humanitarios é preciso que se tomem primeiro as providencias necessarias para não mais perturbarem o progresso da colonização.

«Claro está que todas as medidas a empregar devem calcar-se sobre este principio: em primeiro logar se devem defender os brancos contra a raça vermelha.

«Qualquer catechese com outro fim não serve. Porque não tentar immediatamente? Si a tentativa não dér resultado algum, satisfizeram-se ás tendencias humanitarias; então, sem mais prestar ouvidos ás imprecações emphaticas e ridiculas de extravagantes apostolos humanitarios, proceda-se como o caso exige, isto é, exterminem-se os refractarios á marcha ascendente da nossa civilização, visto como não representam elemento de trabalho e de progresso».

Vê-se que quem escreveu estas linhas anceia por uma solução, humanitaria ou não, que seja ao menos efficaz e ponha termo ás difficuldades do momento.

A questão debatida constitue problema de solução tanto mais difficil quanto mais numerosos são os pontos de vista a tomar em consideração: o philanthropico, o juridico, o administrativo, o economico, o internacional. Ao que eu saiba existem tres programmas para a solução da questão dos indios do Brazil: o de José Bofacio de Andrada e Silva, de 1823; o meu de 1908 e 1910 e o do Snr. Coronel Rondon de 1910. O ultimo não póde entrar em linha de conta por muito incompleto. O emprego dos processos fraternaes do Snr. Coronel Rondon relativamente aos Coroados de S. Paulo e de Santa Catharina, não daria outro resultado do que o martyrio, como o do Monsenhor Claro Monteiro, que em Maio de 1901 pagou com a vida a grandeza de suas intenções.

Ao encerrar esta discussão resta-me asseverar terme envolvido nella muito contra a minha vontade, uma vez que o assumpto só me preoccupa scientificamente. E si nessa orientação consegui ampliar e coordenar alguma cousa no conhecimento da ethnographia do Brazil Meridional, não o fiz por compilação, mas com vigilias prolongadas de multiplas questões de ethnologia, anthropologia e archeologia. Vi-me obrigado a colligir pessoalmente os materiaes e collecções em grande parte. Organizei os mappas indispensaveis sobre a distribuição dos campos e mattas do Brazil, e sobre a distribuição geographica dos indios na epoca da descoberta e na actualidade. Deste, junto a este estudo uma nova edição, corrigida em muitos pontos de accordo com as informações expostas na explicação da estampa.

Relativamente a esse assumpto não ha porventura pessoa alguma com mais experiencia do que eu, mas as questões aqui estudadas ultrapassam em parte a minha competencia. Trata-se de assumpto de caracter administrativo-social, nos quaes evidentemente as questões divergem. Não sou propagandista, como aliás o sou relativamente á conservação das nossas mattas e á nossa flora e fauna. Não pretendo por taes razões tomar parte na discussão publica, porventura suscitada pelo presente estudo. O unico escopo meu foi fornecer elementos de estudo aos homens de estado e ás pessoas cultas desejosas de informações. Não recommendei e não quero recommendar o exterminio dos indios; mas protesto contra a anarchia reinante em tudo quanto respeita aos indios bravios, como elemento da população do Brazil. A continuação do presente estado de cousas é uma vergonha para um paiz civilizado. Oxalá os meus escriptos pudessem solver o problema ao qual o presente artigo foi por mim consagrado e dedicado.

EXPLICAÇÃO DO MAPPA (ESTAMPA VII)

No numero anterior desta Revista (Est. XII) sahiu publicado um mappa sobre a distribuição geographica dos indigenas do Brazil Meridional. Em estudos ulteriores informei-me novamente, e recebi valiosas publicações novas até então inaccessiveis para mim. Fui

obrigado por isso a fazer emendas importantes no mappa, agora melhorado. A primeira edição, em escala pequena, contem alem disso, alguns enganos quanto á collocação das tribus a que me reporto. De especial auxilio me foi o Snr. Kurt Unckel, amigo enthusiasta e bom conhecedor dos indios, a quem muito agradeço o me ter desenhado o presente mappa. Da sua expedição em serviço do Museu no anno passado, e para o sudoeste do Estado de S. Paulo, provieram novas e importantes informações, que vieram corrigir em parte as anteriores.

O mais importante resultado dessa expedição foi a verificação da differença linguistica existente entre os Chavantes de S. Paulo, actualmente extinctos e os de Matto Grosso. Destes um grupo internou-se no Estado de S. Paulo, perto do Porto Tibiriçá. O craneo desses individuos examinados dentre os Chavantes--Oti é dolicocephalo. Ao passo que os indios do Estado de S. Paulo se denominam Oti, os de Matto Grosso se denominam Opayé.

Modificação consideravel é a referente aos indios que eu denominára Noto-botocudos, habitando os Estados do Paraná e de Santa Catharina. Estudos modernos estabeleceram subdividirem-se em dous elementos completamente differentes. O primeiro, estabelecido na zona dos Rios Tibagy e Ivahy, coincide com os Arês de Telemaco Borba. Estes Arês vivem entre os Kaingangs da mesma zona, mostrando como indios guaranys podem viver em completa harmonia com os indios tapuyas.

O resto dos indios, impropriamente chamados «botocudos», do extremo Sul do Estado do Paraná e Santa Catharina, era desconhecido até que os excellentes estudos do Snr. Dr. Gensch em Blumenau nos deram informações completas. O vocabulario destes indios differe em parte do dos Kaingangs typicos. Mais ou menos 4/5 das palavras são identicas ou pouco differem.

Applico-lhes a denominação com que se chamam a si proprios: Aweikóma. Os homens usam um tembetá de madeira de dous centimetros de comprimento, em forma de prego. E' por conseguinte bem differente do ornamento correspondente dos Arês. O pequeno vocabulario, que meu filho Rodolpho von Ihering colligio,

contem ao lado de palavras duvidosas, grande quantidade de palavras de dialecto guarany.

Sei, por carta do Snr. João Dutra em S. Leopoldo serem os Kaingangs do Rio Grande do Sul, mais reduzidos em numero do que figura no mappa anterior; os por mim indicados na Vaccaria não existem mais. Desappareceram do mesmo modo os Guayanãs de Faxina no Estado de S. Paulo. Faltam-me informações sobre os Kaingangs do alto Uruguay, no Estado de Santa Catharina, e são duvidosos os indios da cachoeira de Marimbondo perto de Frutal, na fronteira de Minas e S. Paulo. Sobre os indios da parte oriental do Paraguay recebemos valiosos subsidios. Os Guayakis, segundo a publicação de Ten Kate, p rtencem á familia guarany, com ligeiras variantes dialectuaes. Publicação de notavel importancia é a do Snr. P^e. Fr. Vogt, sobre os indios do alto Paraná. Pelos vocabularios que communica, fica provado pertencerem os Guayanãs da Villa Azara á familia guarany.

Entre todos, só os Kaingangs (Coroados, Guayanãs, Aweikomas) são bravios e perigosos para os sertanejos e colonos; no mappa assignalei em especial esses selvagens bravios de S. Catharina, Paraná e S. Paulo, com a indicação das zonas limitrophes nas quaes costumam practicar assaltos.

Algumas palavras ainda a respeito da orthographia usada no presente mappa. Fôra talvez recommendavel applicar o «Standard Alphabet», actualmente usado em publicações scientificas. Mas tem o inconveniente de se não entenderem certos signaes sem prévia explicação; acceitei-o por isso apenas em parte.

A literatura a que alludi acima é a seguinte:

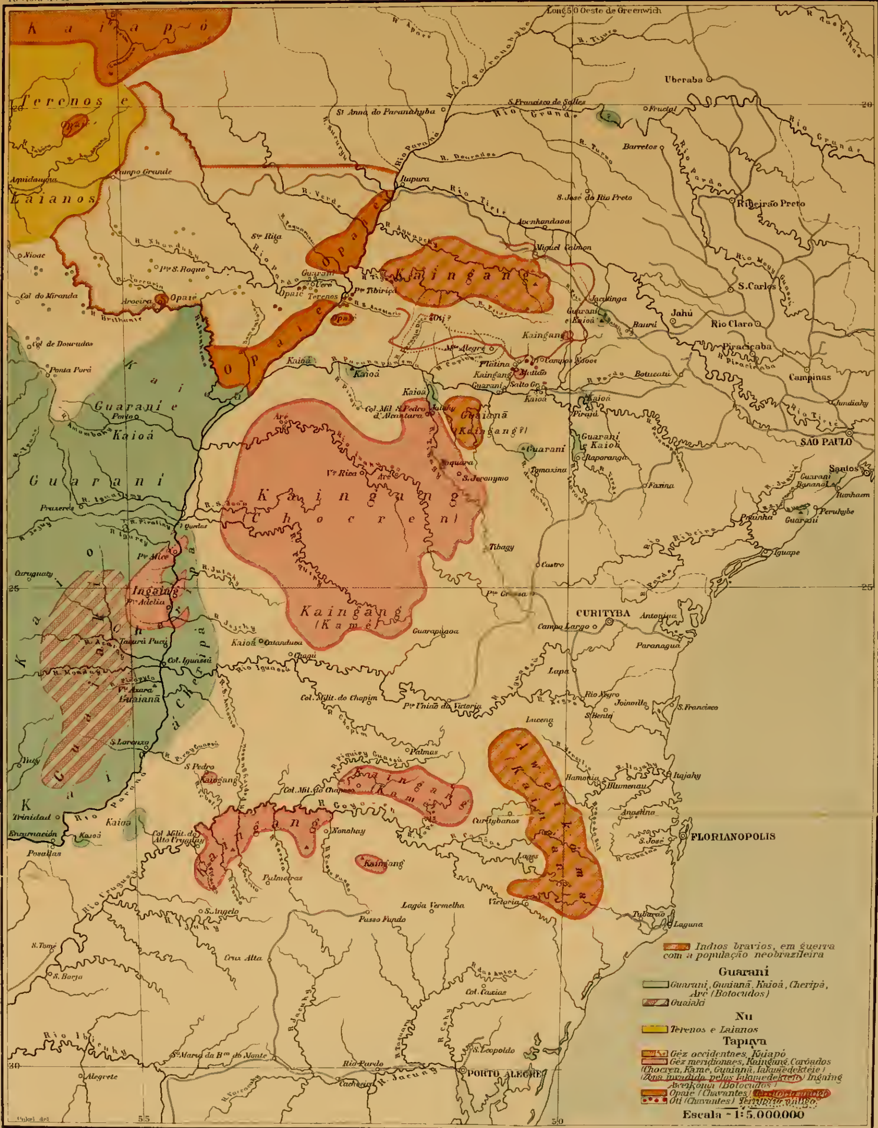
H. Ten Kate, Note ethnographique sur les indiens «guayakuis», An. Mus. La Plata, Anthropol., II, 1897;

P^e. Fr. Vogt, Die Indianer des oberen Paraná, Mitt. Anthropol. Ges. Wien, Bd. XXXIV, dritte Folge, IV. Bd., 1904. pags. 200-221, 353-377;

Dr. H. Gensch, Die Erziehung eines Indianerkindes, Berlin, 1908, Internat. Amerikanistenkongress, Wien, 1908;

do. Woerterverzeichniss der Bugres von Santa Catharina, Zeitsch. f. Ethnologie, Heft 5, 1908, p. 744-759;

Telemaco M. Borba, Actualidade Indigena, Curityba, 1908.



Comp. Lith. Hartmann Reichenbach S. Paulo

Mappa Ethnographico do Brazil meridional

organisado por H.v. Ihering